

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT06.018

VOZES CONTRA O RACISMO: O USO DO SAMBA-ENREDO E A PRODUÇÃO DE PODCASTS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Alberto Alvardia Filho¹

Walace Ferreira²

Guilherme Nogueira de Souza³

Rodrigo de Souza Pain⁴

RESUMO

Este trabalho sugere o uso da tecnologia em aulas de Ciências Humanas desenvolvendo-se o antirracismo, promovendo uma escuta crítica acerca da questão racial no Brasil e valorizando intelectuais negros e negras, valendo-se como recurso didático-pedagógico o samba-enredo apresentado no carnaval do Rio de Janeiro de 2022 “Empretecer o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor” (escola Beija-Flor de Nilópolis). O objetivo é articular música, história, memória e identidade negra, refletindo sobre o racismo estrutural, as formas de resistência e a importância da produção de conhecimento a partir

- 1 Doutorando em Ciências Sociais no PPCIS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Professor de Sociologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), campus Pinheiral - RJ, afilho30@gmail.com;
- 2 Doutor em Sociologia pelo IESP da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Professor Associado do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) - RJ, walaceuerj@yahoo.com.br;
- 3 Doutor em Ciências Sociais no PPCIS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Professor Associado do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) - RJ, guilherme.nogueira.souza@hotmail.com;
- 4 Doutor em Ciências Sociais, na área de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA-UFRJ), Professor Associado do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) - RJ, rodrigo.pain@gmail.com.

de referências negras. Alinhada à BNCC, especialmente à competência geral da educação básica nº 9 (direitos humanos), às Leis 10.639/03 e 11.645/08 (obrigatoriedade de incluir, no currículo escolar da Educação Básica, o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena), a atividade propõe que estudantes do Ensino Médio analisem o samba-enredo, identifiquem seus temas principais, os personagens mencionados (Cruz e Souza, Conceição Evaristo, Maria Carolina de Jesus, Machado de Assis, Clara dos Anjos, Cabana), além da possibilidade de mobilizar autores como Lélia Gonzalez, Frantz Fanon, Sueli Carneiro e Achille Mbembe. Em grupos, os estudantes escolheriam um tema relacionado (identidade negra, epistemicídio, resistência cultural, racismo estrutural, personagens homenageados, autores antirracistas etc.), elaborariam roteiros autorais e gravariam episódios de podcast com duração entre cinco e dez minutos. A avaliação consideraria a participação, a qualidade da argumentação, a articulação com os autores estudados e a criatividade na apresentação. Caso possível, os podcasts seriam publicados em plataformas digitais ou redes sociais, ampliando o alcance da produção. Assim, a proposta alia o conteúdo sociológico e histórico ao desenvolvimento de competências digitais e comunicativas, contribuindo para uma educação antirracista, transformadora e que defenda uma cidadania lastreada na igualdade racial, superando o perigo de uma história única, como alertado por Chimamanda Adichie (2019).

Palavras-chave: Antirracismo, Proposta didática, Beija-Flor, Samba-enredo, Podcast.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de servir de insumo para a elaboração de aulas de Sociologia voltadas principalmente ao Ensino Médio, com foco no estudo das relações étnico-raciais a partir de uma perspectiva antirracista. A intenção é fomentar, junto aos estudantes, reflexões críticas e produções autorais por meio do formato de podcasts, tendo como eixo temático o samba-enredo de 2022 da Beija-Flor de Nilópolis, intitulado “Empretercer o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor”. O uso desse samba como recurso didático busca articular arte, cultura popular e consciência histórica, possibilitando que os alunos reconheçam a potência das expressões culturais negras na construção da identidade nacional.

Mais do que restringir-se à abordagem do racismo e das desigualdades socioeconômicas presentes na sociedade brasileira, esta proposição visa valorizar a presença e o protagonismo da população negra na formação cultural, política e simbólica do país. Trata-se, portanto, de um convite à construção de uma cidadania pautada na igualdade racial e na valorização da diversidade, em consonância com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e com as diretrizes da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira em todas as escolas de ensino fundamental e médio (Brasil, 2003).

Esta proposta didático-pedagógica também busca contribuir para a superação do “perigo de uma história única”, expressão cunhada por Chimamanda Ngozi Adichie (2019), que denuncia o risco de narrativas excludentes e monoculturais silenciarem vozes plurais e experiências históricas fundamentais.

O conceito de racismo estrutural é importante neste trabalho, uma vez que remete à compreensão de que práticas discriminatórias e mecanismos de exclusão não se restringem a atitudes individuais, mas estão enraizados na própria constituição das instituições e nas estruturas sociais. Conforme destaca Silvio Almeida (2020), o racismo é um elemento orga-

nizador das relações sociais, econômicas e políticas, manifestando-se tanto nas políticas públicas quanto nas representações simbólicas e nos padrões de sociabilidade. Essa dinâmica faz com que determinados grupos étnico-raciais sejam sistematicamente expostos a condições de desigualdade, exclusão e violência simbólica, comprometendo o pleno exercício da cidadania e a efetivação dos direitos humanos.

A proposta metodológica de produção de podcasts constitui uma estratégia pedagógica inovadora e transversal, capaz de estimular a pesquisa, a oralidade, o trabalho colaborativo e a autoria dos estudantes. Por meio dela, os alunos podem se apropriar de conteúdos sociológicos de maneira crítica e criativa, relacionando conceitos teóricos a situações concretas do cotidiano. Além disso, o uso do podcast como ferramenta educativa permite a ampliação do diálogo entre escola e comunidade, valorizando saberes locais, experiências coletivas e expressões culturais diversas.

Cabe destacar, ainda, que a metodologia aqui apresentada não se restringe ao tema das relações étnico-raciais. Ela pode ser adaptada para a produção de podcasts sobre diferentes temáticas, de acordo com os objetivos de aprendizagem e as competências previstas no currículo escolar. Assim, configura-se como uma proposta flexível, que pode ser utilizada em distintos contextos educativos, tanto formais quanto não formais, e em projetos interdisciplinares voltados à promoção da cidadania crítica, da empatia e do respeito à diversidade.

DESENVOLVIMENTO: O ANTIRRACISMO NA PERSPECTIVA BRASILEIRA E SEU DABETE POR MEIO DO USO DE PODCASTS

A perspectiva antirracista dialoga de forma direta com os princípios éticos e políticos expressos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), sobretudo no que diz respeito à formação integral dos estudantes e à promoção de uma educação pautada na justiça social, na valorização das diferenças, no respeito aos direitos humanos e na constru-

ção de uma sociedade plural e democrática. A BNCC propõe que a escola seja um espaço de convivência com a diversidade, em que o diálogo com o Outro se converta em um exercício contínuo de empatia e reconhecimento. Nesse sentido, a educação antirracista não se limita à denúncia do preconceito racial, mas envolve a formação de sujeitos críticos capazes de compreender as origens históricas das desigualdades e de atuar para transformá-las.

A valorização da interculturalidade, princípio basilar da BNCC, implica reconhecer que o conhecimento e a cultura são produzidos por diferentes povos e grupos sociais, e que a escola tem o papel de incorporar e legitimar essas múltiplas vozes. Assim, promover uma educação antirracista significa garantir o direito de todos os estudantes (negros, indígenas, brancos e de outras origens étnico-raciais) de se verem representados nos conteúdos, nas práticas pedagógicas e nas narrativas escolares. Essa abordagem rompe com a lógica eurocêntrica que historicamente orientou a educação brasileira, contribuindo para uma revisão crítica dos currículos e para a ampliação das referências culturais presentes no ambiente escolar.

A perspectiva antirracista também se ancora nos valores e objetivos previstos na Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), que consagra a igualdade como fundamento da República e estabelece o combate à discriminação racial como princípio da vida democrática. Nesse contexto, destaca-se o papel de Abdias do Nascimento, deputado constituinte e uma das mais importantes lideranças do movimento negro brasileiro, cuja atuação na Assembleia Constituinte foi decisiva para inserir no texto constitucional a defesa da dignidade humana e a criminalização do racismo. Sua trajetória política e intelectual, marcada por obras como *O genocídio do negro brasileiro* (1978), evidencia que o enfrentamento ao racismo é parte essencial da luta por cidadania e democracia no país.

Portanto, uma proposta pedagógica orientada pela perspectiva antirracista não apenas atende às determinações legais e curriculares, mas reafirma o compromisso ético da escola com a formação de sujeitos conscientes de seu papel social. Trata-se de uma pedagogia do reconhe-

cimento e da reparação histórica, que busca construir práticas educativas comprometidas com a igualdade racial, a justiça e a pluralidade de saberes, promovendo o empoderamento dos estudantes e o fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira.

A ex-ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Nilma Lino Gomes (2002), lembra-nos que um dos espaços que mais contribuem para a reprodução e o reforço de estereótipos raciais entre crianças e jovens é a escola. É nesse ambiente que muitos estudantes têm o primeiro contato com a diferença, construindo percepções sobre quem somos “nós” e quem são “os outros”. A instituição escolar torna-se um espaço central na formação das identidades e na maneira como se estabelecem as relações entre identidade e alteridade. A forma como a diversidade é tratada (ou negligenciada) no cotidiano escolar influencia diretamente a constituição da autoestima, do sentimento de pertencimento e da visão de mundo dos alunos.

Assim, a escola ocupa uma posição estratégica tanto na reprodução das desigualdades raciais quanto na possibilidade de promover sua superação. Nas palavras de Nilma Lino Gomes, a educação pode ser um campo de manutenção do racismo - quando naturaliza estigmas e silencia as vozes negras - ou de resistência e transformação, quando assume uma postura crítica e antirracista. No interior do ambiente escolar, as representações sobre a população negra estão presentes não apenas nas imagens e narrativas dos livros didáticos, mas também nas relações pedagógicas, nas práticas avaliativas, na organização dos espaços e, de forma mais sutil, na ausência e no silenciamento de determinados temas e personagens históricos.

Essas ausências simbólicas revelam o que Kabengele Munanga (2005) denomina de “branqueamento do imaginário social”, processo pelo qual a cultura e a história negras são invisibilizadas, reforçando a ideia de inferioridade e subalternidade. Quando o currículo privilegia apenas as contribuições europeias e ignora os saberes africanos e afro-brasileiros, a escola colabora para a perpetuação de uma memória social seletiva

e excludente. Por outro lado, a inserção de conteúdos que valorizem as trajetórias, as lutas e as produções culturais negras contribuem para a construção de uma educação emancipadora, que reconhece a diversidade como valor e não como obstáculo.

Dessa forma, a discussão sobre consciência negra, racismo e antirracismo, valorização da negritude e direitos humanos deve ocupar um lugar permanente nas práticas educativas. A adoção de uma pedagogia antirracista implica repensar materiais didáticos, metodologias e o próprio papel do educador como agente de transformação social. Como observa Lélia Gonzalez (1988), o reconhecimento das matrizes africanas e afro-brasileiras na cultura nacional não é apenas uma questão de justiça histórica, mas um passo essencial para a construção de uma identidade coletiva verdadeiramente plural.

Portanto, o compromisso com uma educação antirracista requer a criação de espaços de escuta, reflexão e diálogo no ambiente escolar, capazes de desconstruir preconceitos e de fortalecer a empatia e o respeito à diferença. A escola, nesse sentido, deve ser compreendida não apenas como lugar de transmissão de conhecimento, mas como território de reconstrução simbólica, onde se disputam narrativas, memórias e projetos de sociedade. É nesse espaço que se forma o olhar crítico dos estudantes sobre o mundo, um olhar que pode tanto reproduzir desigualdades quanto contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nessa direção, a mencionada Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003), que incluiu a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino, e a Lei nº 12.711/12 (Brasil, 2012), que instituiu as cotas raciais nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, cumprem papel importante e devem ser abordadas em sala de aula. Em 2008, a Lei nº 11.645 complementou a Lei nº 10.639 de 2003, trazendo para essa normativa legal as populações indígenas, dispondo que “[...] os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão

ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras” (Brasil, 2008).

Trata-se de um quadro estrutural da sociedade brasileira, tendo em vista referir-se a um elemento que integra toda a sua organização econômica e política (Almeida, 2020). No horizonte das Ciências Sociais, o tema está alicerçado em discussões que vão de Gilberto Freyre (1933), autor que, embora tenha rompido com o racismo científico ainda predominante no começo do século XX, termina por suscitar o mito da democracia racial, a Florestan Fernandes (1965), para quem a democracia no Brasil dependia necessariamente da eliminação do racismo e não somente da luta de classes.

Abordando agora a questão da tecnologia, devemos lembrar que Manuel Castells (2007) caracterizou a sociedade da informação como um período inédito marcado pelas inovações advindas da chamada “Revolução Tecnológica”, movida justamente pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), cada vez mais presentes em toda sorte de relações sociais. Essa estrutura se esgarça em contradições nos diversos índices socioeconômicos que consideram dados pelo recorte étnico-racial, assim como pela sustentação explícita e velada do preconceito racial. Daí a relevância da luta antirracista e de toda educação direcionada à superação de problemas que ameaçam o desenvolvimento de uma sociedade efetivamente democrática e baseada nos direitos civis.

Nos últimos anos, as TDICs têm ocupado um espaço significativo no cotidiano e a educação não passou alheia a essa mudança. Entre as múltiplas formas de expressão das TDICs, hardwares ou softwares, a atividade proposta consiste em estimular os(as) discentes a produzirem podcasts referentes à pauta antirracista suscitada pela letra da música da Beija-Flor. Os podcasts são arquivos de áudio que podem ser curtos ou de maior duração, esporádicos ou de produção regular, que versam tanto sobre assuntos do dia a dia quanto acerca de análises científicas. São ágeis e podem ser acessados a qualquer tempo, por meio de um aparelho eletrônico com acesso à internet. De acordo com Foschini e Taddei (2006, p.

9): “[...] é um meio veloz de distribuir sons pela internet, um neologismo que funde duas palavras: iPod, o tocador de arquivos digitais de áudio da Apple, e broadcast, que significa transmissão em inglês”. Ainda segundo os autores:

Podcast foi considerada ‘a palavra de 2005’ pelo dicionário New Oxford American. Nada mal para um neologismo que entrou em cena no ano anterior. Em fevereiro de 2004, a palavra apareceu no jornal inglês The Guardian como um sinônimo para audioblog, ou seja, blogar com áudio em lugar de blogar com textos. No começo de 2006, concorrentes do iPod deram outro significado para o termo podcast: personal on demand broadcast, ou algo como transmissão pessoal sob encomenda (Foschini; Taddei, 2006, p. 12).

O podcast, sua produção e distribuição, inscreve-se no que Pierre Levy (2009, p. 92) chamou de “ciberespaço”, um “[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, no qual são produzidos um conjunto de relações e saberes denominado de “cibercultura”, isto é: “[...] um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. Ela é um fluxo ininterrupto de ideias, ações e representações entre pessoas conectadas por computadores. Podemos incluir aí smartphones, tablets e demais dispositivos conectados à internet (Levy, 2009, p. 17)”.

Nossa proposição neste trabalho busca, portanto, unir cultura e tecnologia por meio da utilização de um samba-enredo como insumo para a produção de reflexões presentes em podcasts. A intenção de se desenvolver uma atividade de Sociologia, tendo a música como recurso didático, vai ao encontro da proposta de Bordart (2021). Para esse autor, a manifestação artística musical caracteriza-se por uma narrativa que apresenta aos estudantes uma determinada visão sobre a realidade social, assim como pode facilitar a apreensão do conteúdo e tornar a aula mais atrativa.

O uso de tecnologia nas intervenções didáticas cumpre o objetivo de integrar ferramentas presentes na vida social dos(as) alunos(as) ao processo de aprendizagem na sala de aula, possibilitando o contato com

o conhecimento científico e a produção de novas visões de mundo. Ao aproximar-se dessa TDIC, abre-se um horizonte para que professores e estudantes se debrucem sobre as várias potencialidades didático-pedagógicas que estas e outras referências tecnológicas nos oferecem na atual conjuntura.

Abaixo, segue a letra do samba-enredo descrito nesta iniciativa:

Mocambo de crioulo sou eu, sou eu
Tenho a raça que a mordança não calou
Ergui o meu castelo dos pilares de Cabana
Dinastia Beija-Flor

A nobreza da corte é de Ébano
Tem o mesmo sangue que o seu
Ergue o punho, exige igualdade
Traz de volta o que a história escondeu

Foi-se o açoite e a chibata sucumbiu
Mas você não reconhece o que o negro construiu
Foi-se ao açoite e a chibata sucumbiu
E o meu povo ainda chora pelas balas de fuzil

Quem é sempre revistado é refém da acusação
O racismo mascarado pela falsa abolição
Por um novo nascimento, um levante, um compromisso
Retirando o pensamento da entrada de serviço

Versos para cruz, Conceição no altar
Canindé, Jesus, oh, Clara!
Nossa gente preta tem feitiço na palavra
Do Brasil acorrentado ao Brasil que não se cala

Versos para cruz, Conceição no altar
Canindé, Jesus, oh, Clara!
Nossa gente preta tem feitiço na palavra
Do Brasil acorrentado ao Brasil que não se cala

Versos para cruz, Conceição no altar
Canindé, Jesus, oh, Clara!
Nossa gente preta tem feitiço na palavra
Sou o Brasil que não se cala

Meu Pai Ogum, ao lado de Xangô
A Espada e a Lei por onde a fé luziu
Sob a tradição Nagô
O grêmio do gueto resistiu

Nada menos que respeito, não me venha sufocar
Quantas dores, quantas vidas nós teremos que pagar?
Cada corpo um orixá, cada pele um atabaque
Arte negra em contra-ataque

Canta, Beija-Flor, meu lugar de fala
Chega de aceitar o argumento
Sem senhor e nem senzala vive um povo soberano
De sangue azul, nilopolitano

METODOLOGIA: ORGANIZAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA

O tema em questão da atividade seria “Desigualdade étnico-racial e a importância do antirracismo”, e a duração da atividade englobaria quatro aulas de 50 minutos, cada.

Como objetivo geral, temos: Apresentar o debate contemporâneo sobre a desigualdade étnico-racial, reforçando a tese do racismo estrutural, e indicar formas de se desenvolver uma visão de mundo antirracista.

Já como objetivos específicos, temos: Observar a possibilidade de se debater uma temática sociológica, por meio de uma TDIC de destaque no cotidiano; Observar a existência do racismo estrutural na sociedade brasileira por meio de dados socioeconômicos de desigualdade sociorracial e de exemplos de preconceito racial; Refletir sobre a importância do avanço da criminalização de práticas racistas no Brasil; Conhecer políticas de superação das desigualdades raciais, como as ações afirmativas e legislações que defendem atividades de valorização da cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras; Desenvolver uma perspectiva antirracista que envolve a produção de vários podcasts, tendo como ferramenta didática o samba-enredo da Beija-Flor de Nilópolis para o Carnaval do Rio de Janeiro de 2022; Relacionar a luta antirracista com a construção de uma sociedade democrática lastreada na cidadania e nos direitos humanos.

Elaboramos, agora, uma análise segundo as competências e habilidades contempladas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Temos, então, como códigos de competências e habilidades, os números 1, 5, 9 e 10; como código da Competência Específica das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA) o número 5; e os códigos das Habilidades Específicas das CHSA, os seguintes: (EM13CHS501), (EM13CHS502), (EM13CHS503) e (EM13CHS504).

Os recursos didáticos, por sua vez, seriam: Notebook; Datashow; Caixa de som; Extensão; Quadro branco e Pilot; Letra do samba-enredo (impresa e distribuída aos estudantes); Celulares com o aplicativo de gravação de áudio/podcast.

A primeira aula de dois tempos deverá problematizar alguns versos da letra do samba-enredo da Beija-Flor de Nilópolis de 2022, de modo a desenvolver uma visão de mundo que valorize a diversidade e denuncie as inúmeras violências sociais a que é submetida a população negra brasileira.

É o caso de trechos que exaltam o pertencimento ao povo negro, exigem igualdade étnico-racial, denunciam o apagamento histórico referente à contribuição do negro para o desenvolvimento cultural do Brasil, defendem a superação de marcas sociais vivas da escravidão, denunciam a mortalidade de pessoas negras pelo Estado brasileiro, principalmente em áreas periféricas, bem como os estereótipos que muitas vezes as relacionam ao crime e a trabalhos de baixa qualificação profissional.

A música ainda homenageia personalidades artísticas e intelectuais negras da história brasileira, como Cruz e Souza, Conceição Evaristo, Maria Carolina de Jesus, Machado de Assis, Clara dos Anjos, além de referências internas da escola de samba, como Silvestre David da Silva, o Cabana, um dos fundadores da Beija-Flor. A abordagem desses autores corresponde à oportunidade de uma discussão que liga a Sociologia à Literatura e às Artes, numa frutífera ótica interdisciplinar, tal como sugerido pelas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de Sociologia (Brasil, 2006) e pela BNCC (Brasil, 2018).

Esse primeiro momento também deverá contemplar a audição conjunta de um episódio de podcast (ou parte dele) que trate da questão racial, com ênfase no racismo estrutural, tanto como forma de ambientar os(as) estudantes ao formato e esclarecer eventuais dúvidas quanto como um instrumento pedagógico de complemento do conteúdo apresentado. Alguns episódios que podem ser utilizados são: Racismo e tecnologia, conversa com o prof. Alexandre do Nascimento, podcast Horizontes Digitais; Silvio Almeida, podcast Mano a Mano; Sueli Carneiro, podcast Mano a Mano.

Tendo em vista o que nos diz Ribeiro (2019, p. 39), o antirracismo deve ser uma luta de todos(as), inclusive da população branca, de forma que precisamos “[...] matar o opressor que há em nós [...]” e romper com as práticas de silenciamento que nos fazem cúmplices da violência racial estrutural de nossa sociedade. Essa visão de mundo, voltada para a construção de uma sociedade plural e igualitária, também é defendida no verso “Cada corpo um orixá! Cada pele um atabaque”, numa linguagem

declaradamente inspirada em religiões de matriz africana, a qual deve ser observada em tom de respeito e tolerância.

Esses aspectos poderão ser aprofundados nos podcasts produzidos pelos(as) discentes e reproduzidos na segunda aula, quando conjuntamente deverá haver uma discussão coletiva que reúna as reflexões desenvolvidas nos trabalhos.

A partir da exposição da primeira aula, e considerando a letra do samba-enredo da Beija-Flor de Nilópolis de 2022, versando sobre o histórico racismo na sociedade brasileira e privilegiando uma perspectiva antirracista, os(as) alunos(as), reunidos em grupos de três a cinco componentes, realizarão a gravação de áudios contendo debates sobre os elementos da pauta antirracista levantados pela letra da música da agremiação. Cada produção deverá ter entre oito e dez minutos de duração, de modo que, na aula prevista para as apresentações, com dois tempos de 50 minutos, totalizando 1h40min, haja a audição e o debate dos trabalhos.

Os subtemas abordados nos podcasts, cada um deles destinado a um grupo, serão:

- a) A contribuição do negro para o desenvolvimento do Brasil, na cultura e na política;
- b) A contribuição do negro para a construção do Brasil, segundo obras arquitetônicas existentes e que viraram pontos turísticos;
- c) Quem foi Machado de Assis e o caso do seu “embranquecimento”;
- d) Quem são os(as) demais escritores(as) negros(as) descritos(as) pelo samba-enredo (Cruz e Souza, Conceição Evaristo, Maria Carolina de Jesus e Clara dos Anjos);
- e) Como superar a intolerância às religiões de matriz africana;
- f) Propostas de superação da violência racial empreendida por forças policiais.

O áudio deverá receber um título, pelo qual será identificado como um podcast de autoria dos integrantes do grupo. Para nortear a construção do material, tendo em vista o tempo de duração e a quantidade de participantes, sugerimos que um estudante faça a introdução do pod-

cast e apresente o subtema, seguido das considerações, em sequência, de cada um dos outros participantes. Para o fechamento, o apresentador retoma a palavra e elabora uma breve conclusão.

A gravação pode ser feita diretamente no celular por meio do próprio programa de gravação padrão de áudio dos aparelhos. Como estrutura básica, de início, meio e fim, o podcast necessita apresentar a seguinte linha: a) Uma saudação inicial, na qual o apresentador iniciará cumprimentando os ouvintes, anunciando o podcast pelo nome e introduzindo o tema da sessão; b) Saudação aos convidados, representados pelos outros integrantes do grupo, com a apresentação de cada um pelo nome; c) Conforme a sequência da apresentação, cada convidado expõe, em até dois minutos, um elemento de análise sobre o tema; d) O apresentador retoma a palavra, tece comentários que conectem as considerações dos demais integrantes com um complemento próprio e encerra.

Para garantir o acesso ao conteúdo, ele deverá estar no celular de algum dos membros ou em um pen drive, de modo que será apresentado pelos grupos na segunda aula, no formato de seminário. Ao final das exposições, o(a) docente articulará as apresentações com a discussão sobre a desigualdade étnico-racial e a luta antirracista, reafirmando a importância de uma visão de igualdade racial para os propósitos de democracia e de direitos humanos no país. O(a) professor(a) também poderá recomendar a hospedagem dos podcasts num perfil do Instagram criado com esse propósito, considerando produção coletiva e material para futuros estudos da turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Carnaval do Rio de Janeiro de 2022, depois de um ano de intervalo por conta da pandemia do novo coronavírus, representou a retomada de uma festa popular tipicamente marcada pela valorização da cultura afro-brasileira. Num ano também marcado pela crise econômica, as escolas de samba recorreram a enredos de valorização de suas raízes.

Vale lembrar que a história do samba está profundamente entrelaçada à trajetória da população negra no Brasil e é marcada por composições que abordam de forma crítica e poética a questão racial e as lutas por liberdade e reconhecimento. Desde suas origens, o samba constitui-se como uma manifestação cultural de resistência, nascida nos terreiros, nas comunidades afrodescendentes e nos espaços marginalizados do Rio de Janeiro, onde descendentes de africanos transformaram a dor da exclusão em arte, memória e celebração.

Diversos sambas-enredo tornaram-se verdadeiros marcos na narrativa antirracista e na valorização da cultura negra. O samba “Quilombo dos Palmares”, apresentado pelo Acadêmicos do Salgueiro em 1960, é considerado um divisor de águas por resgatar a figura de Zumbi dos Palmares como símbolo de resistência e liberdade, antecipando uma leitura crítica da história oficial muito antes de a Lei nº 10.639/2003 tornar obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Já o enredo “Kizomba, a festa da raça”, do GRES Unidos de Vila Isabel (1988), eternizado pela voz de Martinho da Vila, transformou-se em um hino de exaltação à negritude e à solidariedade entre os povos africanos e afro-brasileiros, celebrando a herança cultural e a força coletiva do povo negro.

Também em 1988, a Estação Primeira de Mangueira levou à avenida o samba “Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão?”, um marco histórico por denunciar a contradição entre o centenário da abolição da escravatura e a persistência do racismo e da desigualdade social no país. O enredo questionava, de forma contundente, a narrativa oficial que celebrava a abolição como conquista plena de liberdade, chamando atenção para as exclusões e violências que continuavam a marcar a vida da população negra.

Décadas depois, em 2018, o Paraíso do Tuiuti retomou essa perspectiva crítica com o samba “Meu Deus, Meu Deus, está extinta a escravidão?”, que provocou amplo debate nacional ao relacionar o passado escravista ao racismo estrutural e às formas contemporâneas de exploração do tra-

balho, especialmente no contexto da precarização e da desigualdade social.

Esses e tantos outros sambas-enredo demonstram que o Carnaval e o samba são, para além da festa e do espetáculo, espaços de produção de conhecimento, memória e crítica social. Através de suas letras, melodias e performances, o samba tem funcionado como um instrumento pedagógico de conscientização coletiva, revelando as continuidades históricas do racismo e, ao mesmo tempo, reafirmando a resistência, a criatividade e a centralidade da cultura negra na formação da identidade nacional.

No caso da Beija-Flor de Nilópolis, isso aconteceu numa perspectiva de resistência e numa visão moderna sobre as relações étnico-raciais, inspirando-nos a trilhar uma rota mais abrangente do que tão somente a exposição do racismo. Por meio da proposta desta aula de Sociologia, sugerimos trabalhar o racismo com foco na valorização da cultura afro-brasileira e na defesa do antirracismo, inscritas no âmbito de uma revisão crítica da história do Brasil.

Além do emprego de um samba-enredo, gênero musical desconhecido por muitos(as) estudantes, mas de grande potência pedagógica em razão da crítica social geralmente contida em suas letras (Nascimento, 2021), a própria utilização do carnaval como fonte didática, apesar de toda influência da indústria cultural sobre os desfiles, também pode servir de conhecimento de práticas culturais de resistência elaboradas pela sociedade brasileira.

Devemos lembrar, ainda, que a prova de redação da segunda aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), de 2016, teve como tema “Caminhos para combater o racismo no Brasil”. Certamente uma frutífera argumentação seria oferecida a partir de uma leitura antirracista, tal como observada nesta atividade.

Quanto ao uso do podcast como ferramenta didática, além de oferecer aos(às) discentes uma oportunidade a mais de familiarização com a tecnologia, pretendemos aguçar sua criatividade para explorar possibilidades de apropriação dessa TDIC visando a produção de conhecimento

e de expressões críticas da realidade, de modo compartilhado, interativo e ágil.

O exercício contido nesta iniciativa pode ser uma porta de entrada no estímulo à produção de conteúdos pertinentes aos espaços sociais que eles(as) frequentam ou sobre assuntos diversos dos seus interesses, fomentando a formação continuada para além do espaço da sala de aula, entretanto em diálogo permanente com a instituição escolar.

Dessa forma, o estudo desses sambas em sala de aula oferece uma oportunidade singular de aliar arte e educação, estimulando a reflexão crítica sobre o passado e o presente do país. O samba, ao empregar a música como linguagem da memória e da denúncia, constitui-se como uma ferramenta potente de educação antirracista, capaz de sensibilizar os estudantes e promover um aprendizado significativo que articula emoção, história e consciência social.

REFERÊNCIAS

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, v. 7, p. 3-25, 2019.

BAPTISTA, C. R. et al. Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaraí, 2020.

BODART, C. N. **Uso de canções no ensino de Sociologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Café com Sociologia, 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 out. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 3 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União, Brasília, 3 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 30 out. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, 10 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 30 out. 2025.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Diário Oficial da União, Brasília, 29 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 30 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Vol. 3: Ciências Humanas e suas Tecnologias (Sociologia). Brasília: MEC/SEB, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em: 30 out. 2025.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede**. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Nacional, 1965.

FOSCHINI, A. C.; TADDEI, R. R. **Conquiste a rede: podcast**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. Obra original publicada em 1933.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, p. 40-52, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>. Acesso em: 30 out. 2025.

GONZALEZ, L. **Cultura afro-brasileira e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, M. L. F. M. do. Antirracismo e educação: os sambas-enredo como ferramenta pedagógica para a construção de identidade, cultura e memória afro-brasileira na escola. **Revista em Favor de Igualdade Racial**, v. 4, n. 3, p. 129-144, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/5046>. Acesso em: 30 out. 2025.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, D.; MANOLO; ASSIS, J.; NEGA, B.; PISO, L. do; VELLOSO, J. Empretecer o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor [gravação sonora]. In: **Sambas de Enredo 2022 do Carnaval do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Universal Music, 2022.